

Arteterapia x Oficina de artes: Impactos Terapêuticos

Como parte da equipe multiprofissional do CAPSi de Maringá-PR, o Instrutor de artes tem como objetivo fazer oficinas dentro de suas especificidades para realizar grupos de artesanato ou atividades expressivas a fim de proporcionar aos pacientes o desenvolvimento de habilidades motoras, criativas, sociais, etc. Porém, a premissa desse profissional é apenas o conhecimento e domínio de alguma, ou, várias técnicas dentre a diversidade artística.

A presença desse profissional na equipe é de suma importância, principalmente em um CAPS infanto juvenil, uma vez que crianças e adolescentes não possuem a maturidade cognitiva e comportamental para verbalizar de forma precisa seus problemas e dificuldades.

Assim, um ambiente lúdico que promove atividades interessantes, com ferramentas artísticas garante não apenas a vinculação desses pacientes como também a sua melhor expressão.

Para a equipe, esse profissional é igualmente fundamental, pois, muitos psicólogos, equipe de enfermagem, etc, conseguem aprender técnicas para levar aos seus atendimentos. Esse aprendizado ocorre de maneiras informais através de trocas em reuniões ou conversas onde buscam ter um repertório maior de atividades em sessões terapêuticas.

A intersetorialidade também é contemplada, pois, da mesma forma as Unidades Básicas de Saúde, escolas, CENSE, e outros buscam ferramentas capazes de promover a prevenção e auxílio nas questões da saúde mental. Desta forma, realizo junto com a equipe os matriciamentos, dispositivo dos CAPS, para proporcionar esse intercâmbio com as atividades, dinâmicas, intervenções.

Na minha vivência, em mais de 12 anos como instrutora de artes posso comprovar os fatos. Mas, embora essa função seja essencial, mesmo sendo pouco valorizada, apresenta um problema.

Nestes 12 anos de CAPSi, todos os instrutores de artes que entraram comigo no mesmo concurso, desistiram. Outros que experimentaram através de estágios, não quiseram permanecer.

A problemática em questão é que embora o instrutor proporcione todos esses benefícios aos pacientes e a equipe, falta o aprofundamento necessário encontrado, por exemplo, em um arteterapeuta.

Muitos desses instrutores que desistiram me relataram o quanto era difícil lidar com os pacientes, a carga emocional que enfrentavam, sem terem o preparo para tal. E, talvez por isso eu seja a única que ainda permanece, afinal, sou arteterapeuta, mesmo ocupando o cargo de instrutora de artes.

Esse diferencial me garante o preparo necessário para lidar, pois, além do conhecimento das ferramentas artísticas existe também o conhecimento terapêutico. Na prática essa diferença também se revela.

Uma oficina de artesanato, por exemplo, foca no resultado do produto a ser confeccionado, o que muitas vezes angustia o paciente, que devido aos diferentes diagnósticos não lida bem com cobranças, não consegue finalizar atividades, etc.

Na abordagem da arteterapia a preocupação é apenas com a expressão do inconsciente dos pacientes, para que eles possam compreender seus conteúdos internos, reconhecendo as dificuldades para buscar a solução. Além disso, o arteterapeuta irá "traduzir" junto ao paciente os símbolos que surgem nas obras, desde as cores escolhidas até as imagens construídas.

Na oficina de artes o que muitas vezes se busca é apenas "um trabalho bonito" para ser exposto nos eventos de saúde mental, mostrando que "pacientes conseguem produzir algo legal", percebem a problemática disso?

Na arteterapia, dificilmente existem exposições de trabalho. Pois, há um respeito em relação a subjetividade do paciente. Expor os trabalhos nesse caso, seria o mesmo que gravar uma conversa em psicoterapia e mostrar a outros. Como Instrutora de artes e arteterapeuta, coloquei em prática ambas abordagens, podendo perceber a diferença nos resultados do tratamento das crianças e adolescentes.

As principais diferenças em termos qualitativos demonstram que os jovens que participaram das sessões em grupo de arteterapia conseguiram manter com mais constância e alcançar de forma mais rápida alguns dos objetivos iniciais.

propostos como promover autonomia, capacidade auto reflexiva, melhoria da expressão dos sentimentos, desenvolver capacidade de iniciativa e resgatar desejo de independência e a socialização.

Em uma oficina de artes, artesanato, por exemplo, nesse mesmo período de 34 encontros o que eu mais observava que avançava era apenas a questão da socialização e aprimoramento de habilidades motoras.

Para melhor ilustrar, posso citar uma paciente específica (P) que durante mais de 1 ano em acompanhamento em outros grupos e atendimentos cujo foco eram oficinas, também ministradas por mim e outros da equipe, ela conseguiu sim se desenvolver, porém, em questões como o mutismo seletivo, autonomia, busca de independência , entre outras queixas não haviam tantos progressos.

Ao inseri lá no grupo de arteterapia, embora ainda com muitas limitações, conseguiu um progresso também nessas questões. Deixou, por exemplo, de ter uma projeção e comportamento mais regredido como o de se identificar apenas com desenhos de Pokémons passando a se expressar com um maior repertório de palavras verbais e escritas.

Assim sendo, é sempre importante conhecermos as diferenças nas abordagens para ampliarmos as metodologias terapêuticas dentro da RAAPS, pois, atendimentos que visam a singularidade do sujeito devem oferecer opções que melhor atendem a cada necessidade.